

Ga 20/12/78

MAM: perícia aponta 2 hipóteses para incêndio

Uma ponta de cigarro ou o superaquecimento da cobertura de plástico do teto da Sala Corpo e Som foi a causa do incêndio que destruiu a maior parte do acervo do MAM. A conclusão é dos peritos-engenheiros do Instituto de Criminalística Carlos Eboli, que ontem enviaram à 3a. DP seu laudo, datilografado em seis folhas, espaço dois. O laudo contém ilustrações fotográficas e depoimentos de empregados do MAM.

A hipótese de incêndio criminoso foi afastada pelos peritos, segundo os quais é mais provável que o fogo tenha começado mesmo na cobertura da Sala Corpo e Som. O cigarro aceso jogado em algum material inflamável — para eles a hipótese da “ação pessoal acidental” — é também uma explicação que eles aceitam.

Os peritos Luís César da Veiga Pires e Sérgio de Souza Leite excluíram a hipótese do incêndio criminoso porque não encontraram no museu qualquer resíduo de inflamável nem substância explosiva.

Outra hipótese afastada foi a de o incêndio ter sido causado por acidente elétrico (curto-circuito) foi comprovada segurança nas instalações tanto da casa de força como do quadro geral do sistema elétrico. Os peritos estão seguros também de que não houve combustão espontânea.

Os depoimentos citados no laudo são os de quatro vigias do museu e do soldado PM encarregado da segurança. As 36 fotografias são de dependências do museu, após o incêndio.

Eles concluíram que o fogo começou entre 2h50m e 3h10m, embora as pessoas ouvidas tenham afirmado que o início do incêndio foi às 3h40m.

No trecho em que analisa as causas, diz o laudo:

“Os peritos concluíram que o incêndio do MAM foi causado por uma ação pessoal acidental, podendo ter sido uma pon-

ta de cigarro ou excesso de luz dos refletores sobre o palco, que era composto de módulos de madeira revestido com tapetes tipo carpete.”

CORPO E SOM

Os dois peritos preocuparam-se em descrever, com base em informações colhidas dos vigias, tudo o que havia no prédio antes do incêndio, principalmente na Sala Corpo e Som, onde realmente começou o fogo. Sala adaptada para servir como teatro, tinha piso de carpete, paredes divisórias de madeira, o palco e um auditório para 650 pessoas. Na Corpo e Som, por volta das 23h15m, terminou a apresentação do conjunto chileno “Água”, que se exibira pela primeira vez no Rio na noite anterior. Os vigias contaram que a deixaram meia hora depois, com todas as luzes apagadas.

Como a limpeza da sala só era feita pela manhã, os peritos admitem que uma ponta de cigarro deixada lá tenha provocado o incêndio. Segundo os peritos, os extintores estavam em seus lugares, intactos e em condições de uso, mas não foram usados porque as chamas já eram muito intensas quando foram notadas.

A irradiação do calor que se desprendia do **spots** na Sala Corpo e Som é, para os peritos, embora isso não seja dito no laudo, a causa mais provável do fogo. Os **spots** estavam instalados sobre um trilho a uns 10 centímetros do teto rebaixado, que tinha como revestimento uma capa plástica. O excesso de calor poderia ter provocado então o fenômeno da crestação do plástico, no qual teriam então começado as chamas.

O incêndio ter-se-ia propagado mais rapidamente por ser baixa, na ocasião, a umidade relativa do ar, já que o ar condicionado da sala, acusando defeito, não estava funcionando.

Localizadas pelos técnicos mais fissuras

Novas fissuras provocadas pelo incêndio foram notadas na estrutura do MAM pela comissão de técnicos da Secretaria de Obras do Estado encarregada de fazer o levantamento necessário às obras de reconstrução.

Os técnicos perceberam as fissuras à medida em que os garis da Comlurb limpavam as fuligens no segundo andar do Bloco de Exposições. Preocupado com o que viu, o coordenador da comissão, Cimar Garcia, convocou para nova inspeção, hoje, o consultor da firma Jato Cret, especializada em limpeza e recuperação de estruturas.

O Secretário de Obras do Estado, Hugo de Mattos, e a fundadora do MAM, Nio-mar Moniz Sodré Bittencourt, reuniram-se ontem com o engenheiro Cimar Garcia para tomar conhecimento dos trabalhos realizados até agora pela comissão de técnicos. Foram informados na ocasião de que o plano de segurança contra incêndio, a cargo de uma comissão do Clube de Engenharia, deve estar pronto amanhã, inclusive com orçamento. A partir da definição desse plano é que serão projetadas as novas instalações hidráulicas e de esgotos.

Os engenheiros concluíram que dos pisos, feitos de material aglomerante, nada poderá ser aproveitado. Já foi orçada a parte de impermeabilização das lajes da cobertura. Dos dois elevadores, cujos controles e máquinas ficaram afetados, só serão aproveitadas as estações do poço.

O restaurante do MAM, onde serão feitas exposições provisórias do museu, funcionou ontem apenas como cantina. Em sua área começará amanhã a montagem da mostra de 90 trabalhos do pintor alemão Julius Bissier, a primeira exposição do MAM após o incêndio.

BISSIER

Enviadas de Dusseldorf, as obras de Bissier (1893-1965) voltam ao MAM 16 anos depois de exibidas lá logo após a premiação do artista na 69 Bial Inter-nacional de São Paulo.

Depois das obras de Bissier o MAM mostrará, de 14 a 24 de agosto, trabalhos da tribo dos Axantis, de Gana: são 40 peças de ouro, incluindo máscaras, pulseiras, anéis e colares.

A chefe do Setor de Patrimônio do MAM, Isaura de Carvalho, começou ontem a preparar a relação de todas as obras do museu destruídas total ou parcialmente pelo incêndio, com a finalidade de enviá-las à Ajax — Companhia Nacional de Seguros.

As mil obras estavam seguradas, mas por valor bem abaixo do real, porque não havia recursos para pagar um seguro mais alto. Assim, a gravura de Portinari “Cavalo e Camelo” estava segurada por apenas Cr\$ 15 mil. A diretora do MAM, Heloísa Lustosa, proibiu divulgar a relação assim que esta for concluída.

O incêndio destruiu os livros de tombamento do museu, de que constavam todos os dados sobre as obras, fotografias delas e biografia dos artistas.

A Shell do Brasil ofereceu ao MAM dois quadros de sua pinacoteca: um de Antônio Maia e outro de Jenner Augusto. Foram oferecidas pelos autores obras do escultor Harro Kleppa, do Rio Grande do Sul, da pintora Elisa Maria da Silveira, esta funcionária da Assembléia Legislativa do Estado do Rio.